



# LACUNA

UMA REVISTA DE PSICANÁLISE – ISSN 2447-2663

Revista Lacuna / 7 de agosto de 2019 / artigo, n. -7, Resenha

## Resenha | O não ao manicômio — fronteiras, estratégias e perigos (Nader, 2019)

por **Jonas O. Boni Jr.**

O ato de realizar uma resenha, ao tom de declarar certa posição de interpretação e transmissão de sentido alcançado a partir de um material inscrito na cultura, pode resvalar menos no aspecto de *resumo* do compêndio sobre o qual o resenhista se debruçou e mais nas trilhas encontradas nos *entres* e nos *vãos* deixados pelo autor do material original: um debruçar-se de resenha sobre o tratamento das *negações*. Esse anúncio não é sem razão e encontra seu ponto inicial no próprio horizonte dos destinos do *não* como um dos principais eixos que sustentam a escrita de *André Nader* em seu livro de estreia, “*O não ao manicômio — fronteiras, estratégias e perigos*” prefaciado por *Ilana Katz* e publicado pela *Benjamin Editorial*.

A estrutura dessa resenha se apoia, portanto, em termos de formato, homóloga ao trabalho de *Nader*, bordeando as *fronteiras* de apresentação dos desenvolvimentos argumentativos realizado pelo autor, mas também evidenciando as *aberturas* que os *furos* e os *restos* deixados na escrita de seu trabalho me permitiram navegar sobre os litorais de sua escritura, e assim, levantar o holofote de relevância para um futuro leitor desse livro. Livro que pode ser qualificado como um dos mais importantes do ano relacionados ao tema da *saúde mental* e das *práticas nos dispositivos* instituídos no Brasil, exatamente pela generosidade com que ordena os passos lógicos, históricos e epistemológicos relacionados à *Reforma Psiquiátrica no Brasil*, e dos riscos incluídos em propostas fundantes e fundamentais na *Luta Antimanicomial*, pelo tratamento dos “*nãos*” que fundam instituições e demarcam lugares subjetivos.

Trata-se de um livro que levanta as razões que permitem bordear desde a criação dos muros dos *manicômios* às consequências inexoráveis que a linguagem imputa ao ser humano pelo recorte do *manicômio* como significante e de seus riscos de sentido no cotidiano de uma prática. O brilho que o livro traz ainda se intensifica tendo em vista o tsunami, que afeta os litorais da *Saúde Mental* no Brasil, advindo dos tempos de cólera e de desmonte de políticas de coletividade do governo contemporâneo, tal qual uma espécie de caráter antecipatório que o crivo de leitura da materialidade do objeto de estudo do livro de Nader permite ao leitor: quando se nega radicalmente, como se *não* tivesse existido, o retorno é no *Real*.

O tema da *Saúde Mental* circunscreve diversas possibilidades de arestas nas análises dos litorais que atravessam suas superfícies e materialidades: das bases epistemológicas que sustentam um compêndio teórico e chave de leitura das fenomenologias apresentadas em *casos clínicos*, até as balizadas da *práxis* e seus edifícios que suportam as condutas de profissionais diante do sofrimento psíquico, que se cristaliza no termo *saúde mental*. A eleição de um *objeto de estudo* diante de tal campo evidencia de modo privilegiado a importância e necessidade de anúncios dos pontos de partidas e de *vieses* teóricos, mas também ideológicos, que compõem as articulações teórico-conceituais sobre tal campo.

Atuar nos dispositivos de cuidado e tratamento em *Saúde Mental* demandam uma reflexão constante, como se pode inferir como um dos produtos mais bem delimitados do livro de Nader, no qual torna-se fundante o respaldo múltiplo de referências teóricas e conceituais, que permitem ao leitor cingir a complexidade que envolve o mapeamento das consequências de *negação* fundante da *Reforma Psiquiátrica no Brasil*. Como Nader afirma, “A trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil, como qualquer trajetória histórica, não foi linear”<sup>[1]</sup>

Desenvolver um mapeamento a respeito do campo da *Saúde Mental* pode revelar a complexidade das humanidades, desde que o *autor da escrita do trabalho* permita se apoiar numa *posição de advertência* a respeito do modo como as *Ciências Humanas* explicitam os paradoxos incluídos em suas proposições. Nem toda proposição hipotética se apoia numa lógica inclusiva dos paradoxos e das contradições, e por tal razão há aquelas que tratam as *hipóteses* e *antíteses* de modo a se orientar a uma síntese dos problemas levantados para o conjunto de argumentos. Por outro lado, há as propostas científicas que se apoiam num método lógico de análise dos fenômenos humanos e das bases institucionais de suas subjetivações de modo a incluir seus restos impossíveis de significação, e que apesar da ilusão de inexistir, produzem impacto nas formulações e em seus efeitos, simultaneamente. No horizonte, a ciência produz *operações de negação* sobre seus objetos de estudos, a fim de cercar os limites de suas proposições e resultados coletados na pesquisa, que acabam por não apenas recortar um objeto da realidade, mas produzi-los à sua desmedida de

afirmção. Em outras palavras, o tratamento de linguagem, por meio do método científico e da teoria que o fomenta, está balizado sobre os destinos dados aos “nãos” que circunscrevem o próprio objeto de estudo. Assim, a grande questão pode ser concentrada no tratamento dos produtos avindos de negações em suas formulações: *recusados*, *rechaçados*, *desmentidos*, tal qual o fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939) desenvolveu em seu texto de 1925, “*A negativa*” (*Die Verneinung*) (FREUD, 1925/2007) a respeito da gênese da simbolização pela articulação entre *afirmar* e *negar* a palavra de nomeação da experiência com o objeto<sup>[2]</sup>, e dos avatares do *porvir* que tal inscrição permite na subjetividade.

Nader é profundamente atravessado por tais condições de *pesquisar* e de *escrever*, tal qual uma luta constante com os recobrimentos possíveis de seu objeto de trabalho, ao que tange a saúde mental e os dispositivos de cuidado e tratamento encontrados, até o presente momento, nas políticas e nas diretrizes advindas da *Reforma Psiquiátrica* e da *Luta Antimanicomial* iniciada, no Brasil, na década de 1970, com o *Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental*<sup>[3]</sup>, cujo marco inaugural se deu no *II Congresso Nacional do Movimento de trabalhadores em Saúde Mental*, em 1987<sup>[4]</sup> e alcançou sua narrativa sob os termos de *Movimento de Luta Antimanicomial* (MLA) ao ponto de produzir diretrizes políticas ao tom de *recusa de todo confinamento asilar*, dirigido ao horizonte de “*por uma sociedade sem manicômios*”<sup>[5]</sup>

Esse breve ponto de apoio, a respeito da correlação entre *modelo de ciência e operações de negação*, permite-me evidenciar as fronteiras com as quais Nader se desdobra, do início ao fim de seu trabalho, como um pêndulo que realiza um movimento elíptico e não concêntrico, que varia de posição e desloca o foco narrativo em relação ao objeto de análise, a fim de sustentar uma posição advertida de *escrita como forma de luta*<sup>[6]</sup>, tal qual André Nader, como autor e *a posteriori*, se encontra balizando as afirmações e as recusas sobre as experiências advindas de *cenas quaisquer* e *situações não exemplares* da práxis em saúde mental pós a *recusa dos manicômios* e a abertura para os desenrolares da *Reforma Psiquiátrica Brasileira*, que a *luta antimanicomial* permitiu aos dispositivos físicos e subjetivos na rede de assistência do *Sistema Único de Saúde* (SUS), via *Centros de Assistência Psicossociais* (CAPS), via *Serviços residenciais Terapêuticos* (SRT), via *Coletivos em Prol da Saúde Mental*, entre outros.

A posição de Nader, como pesquisador, flutua sobre os litorais de apresentação crítica a respeito “*das fronteiras que delimitam o antimanicomial*”<sup>[7]</sup>, em três capítulos que levam ao leitor a nadar em posições divergentes e complexas em relação à *negação* que o efeito do *anti do antimanicomial* pode carregar na história recente dos apoios teóricos e dos dispositivos práticos que sustentam seus apoios argumentativos em (1) “*Uma tarefa comum: por uma sociedade sem manicômios*”<sup>[8]</sup>, (2) “*O não ao manicômio*”<sup>[9]</sup> e (3) “*O ideal comunitário*”<sup>[10]</sup>.

O autor se ocupa da escrita dos restos que as proposições da *Reforma Psiquiátrica* acabaram por produzir na comunidade, nos profissionais e nas subjetividades visadas em suas emendas de formulação, sem invalidar a relevância e pertinência de tais atos históricos e marcas humanas sobre a *Saúde Mental* no Brasil, mas declarando os riscos dos tracejados delimitados e idealizados por tais portarias, que podem “*produzir, a partir da gramática do caso exemplar, um apagamento das singularidades*”<sup>[11]</sup>

É por *contemplar* a ambiguidade e os paradoxos das formulações, por se *apoiar* nas desmedidas que a linguagem imputa pela nomeação, e por *incluir* os restos das inscrições lógicas de uma constituição, que *Nader* realiza o movimento pendular em sua escrita de elaboração das práticas associadas aos *manicômios* e dos efeitos recentes que o *saber* produzido pela *luta antimanicomial* ainda pode evidenciar: de certa forma há *luta* em sua escrita, pela defesa de uma proposição de intervenção em *Saúde Mental* que não retorne aos horrores dos manicômios, mas também há o *luto*, por constatar que as bases semânticas da *Reforma* permitem reproduzir o próprio objeto de suas causas, tal qual Foucault denunciou das afirmações decorrentes com a cartografia da *História da Loucura*” e os dispositivos de poder nas relações. Como Katz sintetizou em seu prefácio “[...] *o texto arrisca, risca e descobre que o limite não está apenas onde a relação ao ideal o colocou inicialmente*”<sup>[12]</sup>

O livro se funda na oscilação de uma *escrita* em três movimentos mais evidentes:

(1) de *posição epistemológica*, convocando autores fundamentais para o conjunto temático como *M. Foucault*, *G. Agamben*, *P. Amarante*, *F. Basaglia*, de forma mais evidente, e tantos outros que aparecem nos vãos da escrita como *S. Freud*, *J. Lacan*, *J. Derrida*, *G. Deleuze* e *F. Guattari* entre outros, e também apresentando, analisando e absorvendo *conceitos* de tais autores, por exemplo, *loucura*, *poder*, *liberdade*, *comunidade*, *tratamento*, *cuidado* e *subjetividade*, para os desenvolvimento argumentativos e para as proposições possíveis de levantamento do *objeto de estudo* e das *cenas estratégicas* que montam a estrutura de suas hipóteses. As fundamentações teórico-conceituais demonstram um discurso pautado no rigor e na crítica, que demonstram a sustentação ampla e fronteiriça que a *Saúde Mental* demanda aos interessados nessa discussão. Uma proposição teórica e consistente que embasa de modo paradoxal o *universal* de uma teoria.

(2) de *referências às práticas* ou de *narrativas sobre o fazer*, momentos nos quais *Nader* ordena uma posição de inclusão na narrativa, produzindo sentenças em primeira pessoa do singular: o *Eu* no ato de escrever a respeito das práxis que o envolve e torna-se produto de sua *reflexão teórica*. Emergem as cenas principais de seu atuar crítico e advertido, que alcançam os pontos altos de seu trabalho, como com a cena do laço entre *ele* e a *senhora qualquer*, e do laço entre os profissionais com *Jonathan* e entre os pares com *Jonathan*. Diferentes modalidades da prática que revelam os escombros das semânticas negadas da

teoria e dos obscuros perigos que a subjetividade carrega, por ser efeito da linguagem e de seus restos. Do *eu* para o mundo, esse movimento permite ao profissional de *saúde mental* ancorar pontos de apoios sobre as reflexões da prática de modo privilegiado e fundamental, recusando as falácias idealizantes do *saber fazer* independente da cena. Eis a ênfase da *singularidade* no particular da atuação.

(3) de relação com as *negações* que o constituem como leitor de uma teoria e atuante de uma prática, do início ao fim do texto, o intertexto está voltado para uma transmissão do efeito com que a *negação* cria uma razão *afirmativa*, mesclando um ponto de apoio na balança do pêndulo de sua escrita que rasca os litorais da *totalidade* que um *não* pode afirmar, ou da alternância com que a simbolização do *não* complexifica a inclusão do próprio *resto* ou dos *vãos*, como autoria advertida e crítica que *o percurso singular de uma luta* pode tecer para as bordas que um traço rasga na escrita pela negação primordial como gênese da extração do objeto e suas conseqüentes afirmações no porvir das *letras*: um *tema*, um objeto de *estudo*, um *livro*. “*Diversos movimentos de pensamento possibilitaram a escrita deste livro, escrita que, desde seu início, forma tomada como uma forma de luta*”<sup>[13]</sup>. Assim, a escrita das negações está marcada pela lógica, pela torção, do *universal*, do *particular* e da *singularidade* ao longo do texto.

Portanto, ora tocando a fronteira da recusa radical do “*manicômio, não!*” quando documenta as passagens epistemológicas e históricas das razões asilares de tratamento da *loucura*, ao ponto alto de revelar “*a linha de força que carregou consigo o imperativo do isso não!, ou seja, a negação de tudo aquilo que historicamente foi associado ao manicômio: controle, dominação, encarceramento, exclusão, campos de concentração, eugenia, ditadura e indústria da loucura*”<sup>[14]</sup>, e assim, defender o *não* ao manicômio. Ora denunciando os limites obscuros de *silenciamento subjetivo* e *surdez profissional* que o rechaço do manicômio pode produzir, por um *não* categórico, sob o apoio dos preceitos legítimos da *Reforma Psiquiátrica*, como na cena com a *senhora qualquer* no mote inicial para o trabalho, ou ainda do caráter móbil que o significante *manicômio* pode imputar aos sujeitos que utilizam serviços residenciais e de livre circulação, esse último carregado da metáfora do “*entre aspas*”, como no *usuário com nome próprio* e de seus pares, na narrativa final do último capítulo.

É nessa esteira que há fundamentos que extrapolam a linearidade da *lógica clássica* — pautada pela, *tese*, *antítese* e *síntese* – no enredo do material produzido como livro, e torna-se possível vislumbrar, pelos *entre* e pelos *vãos*, a eleição conceitual, pela inclusão do *paradoxo*, da *contradição* e do *contrário* clássico nos enquadres teórico-clínicos que as escolhas semânticas por termos como “*qualquer*”<sup>[15]</sup>, “*necessário*”<sup>[16]</sup>, “*universal*”<sup>[17]</sup>, “*particular*”<sup>[18]</sup>, “*singular*”<sup>[19]</sup>, nos movimentos de escrita e delimitação de posição teórica, que são referidos a *Agamben*, mas certamente também são efeitos das influências de sua

Leitura da teoria psicanalítica de *J. Lacan*, pela perspectiva de cuidados com os aspectos lógicos que fomentam uma proposição conceitual<sup>[20]</sup>

Isso é: “a apresentação de uma narrativa que, conforme propusemos, pretende lançar luz sobre o campo da luta antimanicomial brasileira – em especial, sobre seus modos de luta e seus efeitos na formação de percepções discursos e práticas [...]. Podemos denominá-lo como o combate à criação de universais, à produção de modelos totalizantes ou à tendência de querer sempre reencontrar o mesmo objeto, situação ou regra”<sup>[21]</sup>

No entanto, o rigor lógico que embasa o texto e as delimitações teórico-conceituais, que recortam as *cenas quaisquer* no livro, não carregam o tom para uma retórica barroca ou decifrativa, tampouco demanda do *leitor* leitura prévia e aprofundada, principalmente para aqueles que não estão familiarizados com os autores eleitos por *Nader*. A habilidade em apresentar a densidade por meio de explicitação e didática, nos anúncios e nas voltas realizadas no intertexto, torna o livro acessível e conota ao autor um paradoxo exemplar entre *generosidade* e *advertência*.

Por fim, a *escrita como luta* girou em torno do enfrentamento dos efeitos de enclausuramento que um *rechaço* das práticas institucionalizadas imputara no silenciamento da *senhora qualquer* ou aos arrolares subjetivos que podem levar qualquer profissional da saúde mental à posição manicomial como ocorreu com *Jonathan* e seus pares. A possibilidade binária e maniqueísta que as formas de lutas podem infringir à prática demarcada desde o “*manicômio, não!*” e, carregam a possibilidade de silenciamento e de surdez diante de *sujeitos quaisquer*, produzindo inconscientemente um encarceramento subjetivo pelo não tratamento do *não* imbuído na recusa ao *manicômio*, mas também na complexa operação de afirmação da *advertência* que se pode produzir com os saberes que se orientam para a liberdade do *ser humano*.

O livro de *Nader* torna evidente a possibilidade de deslizar de sentido que o significante *luta*, inicialmente alojado em seu objeto de estudo, com o discurso de sustentação para a *luta antimanicomial*, para uma escrita que implica os *perigos* da repetição com que o que é negado pode retornar; ou seja, *o não ao manicômio* cerca as *fronteiras* das proposições inaugurais, ao tom de um compêndio de referência para o campo temático de seu objeto de estudos, e analisa criticamente os efeitos das *estratégias* que sustentam a consolidação de uma proposta, tal qual o limiar de *advertência* sobre os *perigo* que rondam toda e qualquer formulação.

A importância desse trabalho ganha ainda mais relevância, considerando o ano de sua publicação, e a rapidez com que os primeiros indícios revelados por *Nader*, a respeito das políticas em *Saúde Mental*, alcançam com as eleições presidenciais de 2018, pelo horror de

uma política que vem, e está vindo, quando se ignora a violência de certas formulações totalizantes, que por serem tão absurdas é que ganham sua materialização na realidade: “*não vai acontecer, depois de tantos avanços nos últimos anos*”. Pois vem... e a depender do como se *nega*.

Em 2019, ano marcado no Brasil pelo início de um dos governos mais polêmicos desde o período denominado democrático, com a presidência de *Jair Bolsonaro*, encontramos uma série de indícios que apontam para propostas políticas e de ordenação social ao tom de *retrocesso*: não só de proposições relacionadas aos eixos fundamentais de sociedade como as *leis trabalhistas* e a *reforma da previdência*, mas também para as condições de sustentação de todo o campo da saúde, com a ativa desestabilização e precarização do *Sistema Único de Saúde*, produzindo uma reviravolta, também, nas propostas em saúde mental e para os tratamentos possíveis que a rede do SUS disponibiliza para toda ordem de sofrimento psíquico, da *loucura* ao uso de psicoativos, da infância ao adulto.

Um desses indícios pode ser vislumbrado nas propostas de investimento financeiro em saúde mental em relação às *Comunidades Terapêuticas*<sup>[22]</sup>, que tem recebido incentivo declarado do *Governo Federal*, em 6 de janeiro de 2019<sup>[23]</sup>, alcançando verba similar ou superior aos *Centros de Atendimento Psicossociais*, os conhecidos *CAPS*. Além do tom religioso e privado das comunidades, denotando o vetor de investimento para além do bojo vinculado ao SUS, tal incentivo conota o foco de atenção dirigido ao sofrimento psíquico de modo privilegiado à sombra do que foram, um dia, as internações asilares e as privações de liberdade que simbolizaram a força motriz da luta antimanicomial, um de cujos produtos está demarcado pelos serviços interdisciplinares característicos do *CAPS*.

Ainda mais, a recusa das bases científica e de pesquisa pelo atual governo torna tal medida mais assustadora quando, diante do resultado desfavorável a tal política, o relatório realizado pela *Fiocruz*, a partir de estudos estatísticos, sobre o consumo de drogas no Brasil é rechaçado, ao ponto de as mídias afirmarem: “*Estudo da Fiocruz sobre uso de drogas no Brasil é censurado*”<sup>[24]</sup>.

A proposta que prioriza o cuidado via *Comunidades Terapêuticas* e a recusa dos estudos da *Fiocruz* parecem ser um dos primeiros pontos de apoio para a chancela que é realizada em 06 de junho de 2019: “*Bolsonaro sanciona lei que permite internação involuntária de dependentes químicos*”<sup>[25]</sup>. Essa tríade revela o retorno do negado, de modo mais clássico e incisivo no porvir dessa temporalidade obscura que os mares revoltos sinalizam com as propostas desse governo, ou seja, desde o enclausuramento pela lógica da internação à recusa das bases científicas, já materializada com os ataques às *Universidade*, o *manicômio* reencontra suas bases fundantes: *intolerância ao diferente, retórica totalitária e excludente*, além de *patologização de fenômenos do vivente*.

Esses pontos podem ser localizados de modo claro no livro de *Nader*, que os discute – na história das gêneses dos manicômios nas décadas de 1940 a 1970 – e denuncia de modo antecipatório, inclusive como *marola* que já se pronunciava com as frustrações advindas em 2013, por duas medidas aparentemente distintas, porém aproximadas, das elencadas acima, já em 2014, durante o *Governo Dilma*: (1) o episódio do CAPSad do Complexo Prates<sup>[26]</sup> e (2) Documento elaborado pela *Área Técnica de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo* (SMS-SP) sobre novas diretrizes para os CAPS – em relação às farmácias e equipe mínima.

A partir de ambas as situações, verifica-se a existência de uma grande preocupação de que estivesse em curso um desmonte dos equipamentos de saúde mental, o que impossibilitaria a realização de um atendimento de qualidade aos usuários dos serviços. Sentia-se fortemente o risco de um “retrocesso histórico sem precedentes no Movimento da Luta antimanicomial”, tendo em vista que a precarização dos serviços substitutivos poderia comprometer a diminuição de internações psiquiátricas como medida de tratamento. Ao mesmo tempo, havia a preocupação de que estivesse em curso um movimento de silenciamento das vozes dissonantes”<sup>[27]</sup>

Há uma tentativa de reviravolta nos preceitos que sustentam a direção da saúde mental no Brasil, para aquela que foi negada veementemente no “*Manicômio nunca mais*”. A política de governo recente tem o foco no retrocesso, das ovações para o regime militar aos confinamentos asilares: o *não ao manicômio*, fundante da luta antimanicomial, produziu um resto que retorna de modo ainda mais incisivo no Brasil, com *Bolsonaro*.

A fim da advertência da não linearidade da história, o pêndulo da escrita de *André Nader* também permite revelar o aspecto oscilante de nossas raízes institucionais e instituintes que emergem sobre seu objeto de estudo: os destinos dos restos que estão incluídos no “*não*” desde as possibilidades de uso da palavra no mundo, não só pelos *efeitos da nomeação* – mas também pelos riscos do registro sobre os quais o retorno se realiza: no *Real*, no *Simbólico* ou no *Imaginário*.

*Nader* adverte do “*perigo que está em nós*”, e isso inclui a possibilidade do *fascismo* entre nós, por meio do uso dos *Manicômios* voltar a ser o muro concreto dos horrores que nos cercam, tal qual a sutilha do *slogan* “*Manicômios nunca mais*” correr o risco e perigo de se tornar “*Manicômios nunca é demais*”. ♦

## REFERÊNCIAS

CESAROTTO, O.A.; LEITE, M.P.S & COSTA, N.C.C. (2014). *Psicanálise e lógica – Entrevista histórica com Newton C.A. da Costa falando sobre lógica paraconsistente e sua contribuição*



na teoria lacaniana. Em: *Revista Leitura Flutuante*. v. 02, n. 06, pp. 51-77.

KATZ, Ilana (2019) Prefácio: Fronteira é risco. Em: NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, 2019.

NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. Prefácio Ilana Katz – São Paulo: Benjamim Editorial, 2019.

---

\* **Jonas O. Boni Jr.** é psicanalista. Professor Associado aos Cursos de Pós Graduação: *Psicanálise e Saúde – Hospital Israelita Albert Einstein* e *Psicologia hospitalar – Hospital Israelita Albert Einstein*. Doutor em Psicologia pela FFCLRP – USP. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Pós-Graduação em Psicologia Clínica Hospitalar pelo Hospital das Clínicas da FMUSP.

---

[1] NADER, André (2019) *O não ao manicômio — fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 21.

[2] FREUD, Sigmund. (1925/2007). A negativa. Em: HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

[3] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 21.

[4] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 22.

[5] Trata-se do produto reescrito da dissertação de mestrado, intitulada “*Entre a negação do manicômio e a afirmação de um modelo comunitário: fabricando formas de luta*” apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2017, sob orientação de *Adriana Marcondes Machado*.

[6] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 125.

[7] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 18.

[8] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, pp. 21-54.

19] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, pp. 55 – 102.

[10] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 103 – 124.

[11] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 97.

[12] KATZ, Ilana (2019) Prefácio: Fronteira é risco. Em: NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, 2019, p. 7.

[13] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 125.

[14] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 63.

[15] Por exemplo, NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 35.

[16] Por exemplo, NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 29; p. 130.

[17] Por exemplo, NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 29.

[18] Por exemplo, NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 29.

[19] Por exemplo, NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 34.

[20] CESAROTTO, O.A.; LEITE, M.P.S & COSTA, N.C.C. (2014). Psicanálise e lógica – Entrevista histórica com Newton C.A. da Costa falando sobre lógica paraconsistente e sua contribuição na teoria lacaniana. Em: *Revista Leitura Flutuante*. v. 02, n. 06, pp. 51-77.

[21] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 36.

[22] Comunidades Terapêuticas são instituições privadas, sem fins lucrativos, que prestam serviços de acolhimento de pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas. (<https://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/backup-senad/comunidades-terapeuticas>).

[23] Governo multiplica investimento em comunidades terapêuticas de cunho religioso para atender usuários de drogas (<https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-multiplica-investimento-em-comunidades-terapeuticas-de-cunho-religioso-para-atender-usuarios-de-drogas-23617574>).

[24] <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/29/estudo-da-fiocruz-sobre-uso-de-drogas-no-brasil-e-censurado.ghtml>

[25] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/06/bolsonaro-sanciona-lei-que-permite-internacao-involuntaria-de-dependentes-quimicos.ghtml>

[26] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 38-9.

[27] NADER, André (2019) *O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamim Editorial, p. 40.

---

---

**COMO CITAR ESTE ARTIGO | BONI Jr, Jonas O. (2019) Resenha – O não ao manicômio – fronteiras, estratégias e perigos (Nader, 2019). *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -7, p. 9, 2019. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2019/08/07/n-7-9/>>**

## Compartilhar




Um blogueiro curtiu disso.

---

## Relacionado

De antropofagia

 "artigo"

O "Escritos" de Lacan  
revisitado: sobre a escrita  
como objeto de desejo  
Em "artigo"

Barbara Low e o princípio  
de Nirvana  
Em "artigo"

Publicado em artigo, n. -7, Resenha e etiquetado como Jonas, n. -7, Nader, Resenha. Favorite o permalink

[Blog no WordPress.com.](#)

[Sobre nós](#) • [Corpo editorial](#) • [Fale com a Lacuna](#) • [Edições anteriores](#)  
• [Normas para publicação](#)